

AS TRANSFORMAÇÕES NO MAPA DO ORIENTE MÉDIO

JORGE LUIZ RAPOSO BRAGA¹

EDUARDO KAROL²

REJANE BABO³

RESUMO

O Oriente Médio ocupa sistematicamente o imaginário da sociedade através de uma infinidade de informações que são produzidas desde os meios de comunicação, dos centros especializados e da escola. Assim, torna-se relevante para os estudos geográficos compreender as suas transformações espaciais e analisar os conflitos instituídos a partir de diferentes processos sociais na elaboração do mapa regional. Tomando como base esses dois pressupostos, julgamos importante uma análise dos materiais produzidos para o ensino de Geografia, para avaliarmos como as representações espaciais do Oriente Médio estão sendo abordadas e de que forma contribuem para a formação crítica sobre o mundo contemporâneo.

A compreensão destes debates é importante para a Geografia, por ser os conflitos desta região, territoriais. Mas, sabemos que apesar de existir um descompasso entre as diferentes delimitações da região, os autores que se debruçam sobre o tema consolidaram uma concepção cartográfica nos livros didáticos, fato que propicia uma compreensão estática da realidade local, apresentando a história regional como uniforme, subdesenvolvida, exótica, temível no imaginário dos alunos, desconsiderando, muitas vezes, a dimensão e as relações sócio-espaciais instituídas que vão além das informações cristalizadas pelo senso comum.

Portanto, o objetivo do presente projeto de pesquisa é analisar as idéias, visões e representações espaciais sobre o Oriente Médio presentes nos materiais didáticos de Geografia, contribuindo para a reflexão de um tema importante no contexto internacional e suas implicações ideológicas na formação do aluno, como também desenvolver materiais para a aula de Geografia Regional.

PALAVRAS-CHAVE: Oriente Médio; Geografia; Cartografia

¹ (UERJ/FFP/DGEO) jorgebragar@uol.com.br

² (UERJ/FFP/DGEO) edukarol@nitnet.com.br

³ (UERJ/FFP/DGEO) rejanebabo@hotmail.com

ABSTRACT

THE CHANGES IN THE MIDDLE EAST MAP

The Middle East systematically occupies the imaginary of society through a lot of information that is produced by the means of communication, the specialized centers and the school. This way, it becomes relevant to the geographic studies to understand its space changes and to analyze the conflicts established from different social processes in the creation of the regional map. Taking into account these two presuppositions, we believe it is important an analysis of the materials produced to teach Geography, in order to evaluate how space representations of the Middle East are been tackled, and in which way they contribute to the critical formation about the contemporary world.

The understanding of these discussions is important to Geography because the conflicts in this area are territorials. However, we know that although there is a divergence between the different delimitations of the area, the authors that study the subject consolidated a cartographic conception in the schoolbooks, fact that propitiates a static comprehension of the local reality, presents the regional history as uniform, underdeveloped, exotic, dreadful in students imaginary, and disconsiders , many times, the dimension and the socio-space relations created that go beyond the information that is accepted by the common sense.

Therefore, the objective of the present research project is to analyze the ideas, visions and space representations about the Middle East which appear in school materials of Geography, contributing to the reflexion of an important subject in the internation context and its ideological implications in the student formation, as well as to develop materials to the class of Regional Geography.

Key words: The Middle East, Teaching of Geography, Cartography.

INTRODUÇÃO

No limiar do século XXI, as inovações tecnológicas capitaneadas pelo avanço da informatização, tem remodelado a base material das sociedades e do Estado-nação. O ritmo acelerado tem apresentado novas configurações do capitalismo, como na economia, que cada vez mais tem se tornado interdependente, onde a concorrência acirrada tem obrigado as empresas a descentralizarem sua produção e os países a suspenderem os entraves à circulação do capital financeiro, e no social, a globalização tem redefinido às relações de trabalho e produzido milhares de excluídos, ou precariamente incluídos, que através da mobilidade tem criado a imagem de que o planeta está intensamente em movimento. O fim da Guerra Fria alterou a geopolítica global, agora não mais restrita exclusivamente às decisões do Estado-nação, como os realistas apontavam, percebemos outras instâncias de poder, que podem estar relacionadas às corporações transnacionais, ao fortalecimento de determinadas organizações internacionais e a emergência de interlocutores ligados às pluralidades dos movimentos sociais, fatos que acabam redefinindo o papel das Relações Internacionais frente aos novos desafios que tem exigido soluções mais coletivas, como no caso das questões ambientais, direitos humanos, combate às atividades criminosas que tem aproveitado as redes para fortalecer seus negócios ilícitos, migrações, o aumento da pobreza mundial, pandemias e toda uma gama de temas que fogem ao escopo do Estado-nação e de seu território.

Portanto, essa complexidade do mundo contemporâneo, têm implementado desafios constantes aos professores de Geografia quanto à abordagem teórico-metodológica de seu objeto de estudo, levando-os a questionar, o que ensinar, como ensinar e pra que ensinar, redefinindo as suas práticas e a dos alunos, os quais eram vistos meramente como reprodutores das informações, ou seja, treinados a não pensar sobre o que é ensinado e sim, a repetir pura e simplesmente o que é ensinado, como se os mesmos não fizessem parte do processo de produção do conhecimento. Desta forma, tornavam-se reféns do que a mídia produzia nos diferentes meios de comunicação ou permaneciam presos aos conteúdos consolidados nos diversos materiais didáticos disponíveis no mercado.

DESAFIOS AO ENSINO DE GEOGRAFIA

A globalização trouxe uma variedade de discussões que envolve o ensino de Geografia Regional Mundo, tais como terrorismo, aquecimento global, movimentos sociais, integração regional, conflitos étnicos e territoriais, entre outros, popularizando assuntos que, numa primeira leitura, estariam restritos à especialistas ou a homens de Estado. Essas complexidades, ressaltaram a relevância da temática regional no entendimento das realidades que vieram se concretizando na virada do século XXI e desnudaram determinadas afirmações que certificavam o fim das representações espaciais, onde o território e a região estariam fadadas aos processos de homogeneização implementadas pela economia global. Desta forma, as diferenças regionais seriam sucumbidas pela dinâmica do capital. Este é um desafio que foi posto às diferentes disciplinas escolares e, ensinar Geografia implica ir além do que está ao alcance de nossos olhos, elencar novos métodos que contribuam na construção do conhecimento geográfico, procurando despertar na relação professor-aluno uma abordagem mais dinâmica, entender que as transformações espaciais são históricas, fundamentadas em processos de ocupação de várias gerações e, portanto, de relações conflituosas.

Assim, percebemos que a temática regional vêm interagindo com o cotidiano das pessoas, (des)construindo imagens cristalizadas sobre diferentes sociedades e suas referências espaciais, dando outro caráter a concepção da região, cuja diferenciação está associada a própria dinâmica globalizadora. Desta forma, a região adquire uma conotação mais ampla e complexa, como afirma Haesbaert(1999,p.31):

“se antes a região podia ser vista de forma contínua, como unidade espacial não fragmentada, hoje o caráter altamente seletivo e muitas vezes ‘pontual’ da globalização faz com que tenhamos um mosaico tão fragmentado de unidades espaciais que ou a região muda de escala(focalizada muito mais sobre o nível local, onde ainda parece dotada de continuidade) ou se dissolve entre áreas descontínuas e redes globalmente articuladas”.

Neste contexto, Haesbaert enfatiza a importância dos processos sociais como norteadores da fragmentação dos espaços, onde as escalas local, regional e o global são redefinidas frente à reestruturação do capitalismo. Portanto, as diferenças emergem e se contrapõem aos processos que procuraram homogeneizá-las. “Daí a análise regional que, voltada para as particularidades, pode revelar aspectos da realidade que seriam mais difíceis de serem percebidos e analisados se considerados apenas do ponto de vista global”(Lencioni,1999,p.192).

A relevância da análise regional nos reporta aos estudos sobre o Oriente Médio que ocupam sistematicamente o imaginário da sociedade, exigindo que a Geografia reavalie não só os seus métodos, mas o conteúdo que é ensinado, enquanto idéia mais elaborada e geral, evitando uma abordagem descritiva do que se vê hoje no mundo. Desta forma, rompe-se com uma representação regional parcelada, desconectada do todo, sem vínculo com o processo social responsável pela organização do espaço e suas relações instituídas, situação que está materializada em muitos livros didáticos que apresentam o Oriente Médio de maneira evasiva, ou seja, uma delimitação regional pronta e acabada, mesmo que haja imprecisões, dúvidas e incertezas sobre a sua extensão territorial, mas, no senso comum, acostumou-se a representá-la na confluência entre a África, a Europa e a Ásia.

A compreensão destes debates é importante para a Geografia, por ser os conflitos desta região, territoriais. Mas, sabemos que apesar de existir um descompasso entre as diferentes delimitações da região, muitos autores que se debruçaram sobre o tema consolidaram uma concepção cartográfica nos livros didáticos, fato que propiciou uma compreensão estática da realidade local, apresentando a história regional como uniforme, subdesenvolvida, exótica, temível no imaginário dos alunos, desconsiderando, muitas vezes, a dimensão e as relações sócio-espaciais instituídas que vão além das informações cristalizadas pelo senso comum. “A questão principal será sempre a de perceber quais são os agentes e os processos que devem ser priorizados para entender as razões da diferenciação social e, somente a partir daí, qual a escala em que ela se manifesta com maior clareza” (Haesbaert, 1999,p.33).

A denominação Oriente Médio, ganhou projeção a partir da Segunda Guerra Mundial e como fruto da dominação européia, popularizou-se na mídia, nos centros de estudos especializados e nas escolas, mas, através do tempo, outras designações foram referenciadas a esta região, como por exemplo, Oriente Próximo, Crescente Fértil, Ásia Menor, entre outras, que caíram em desuso.

ORIENTE PRÓXIMO EM 1914

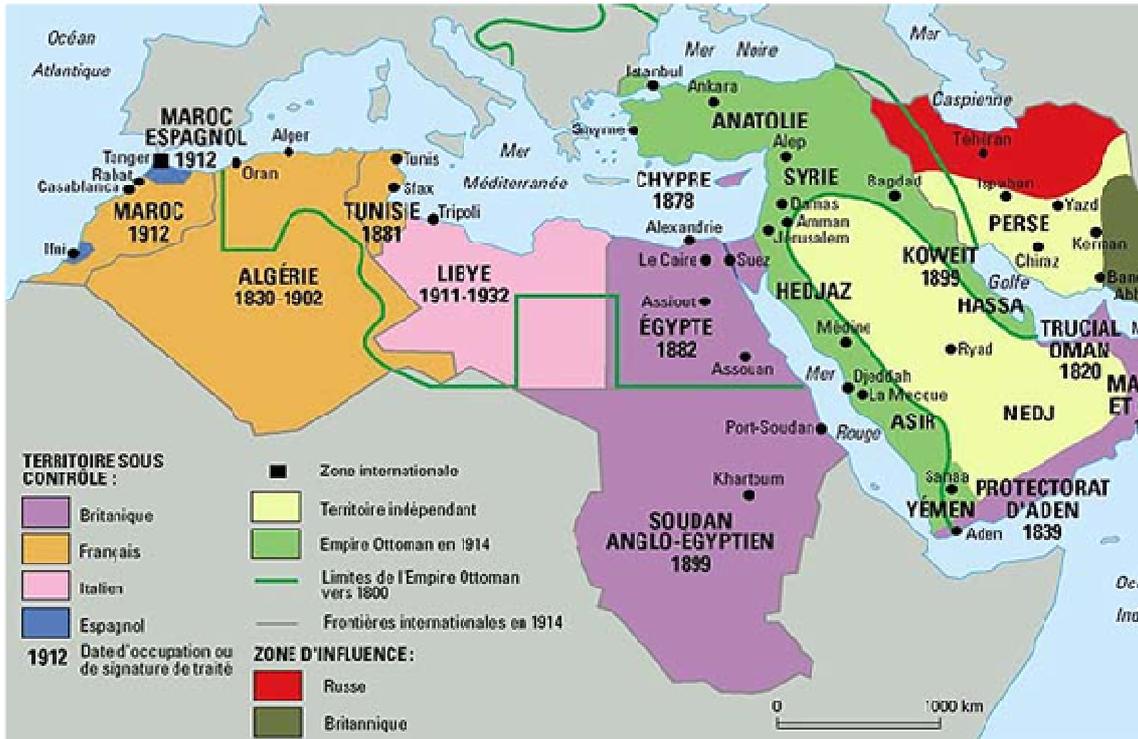


Figura 1

Fonte: www.atlas-diplomatique.net.com

ORIENTE PRÓXIMO EM 1939

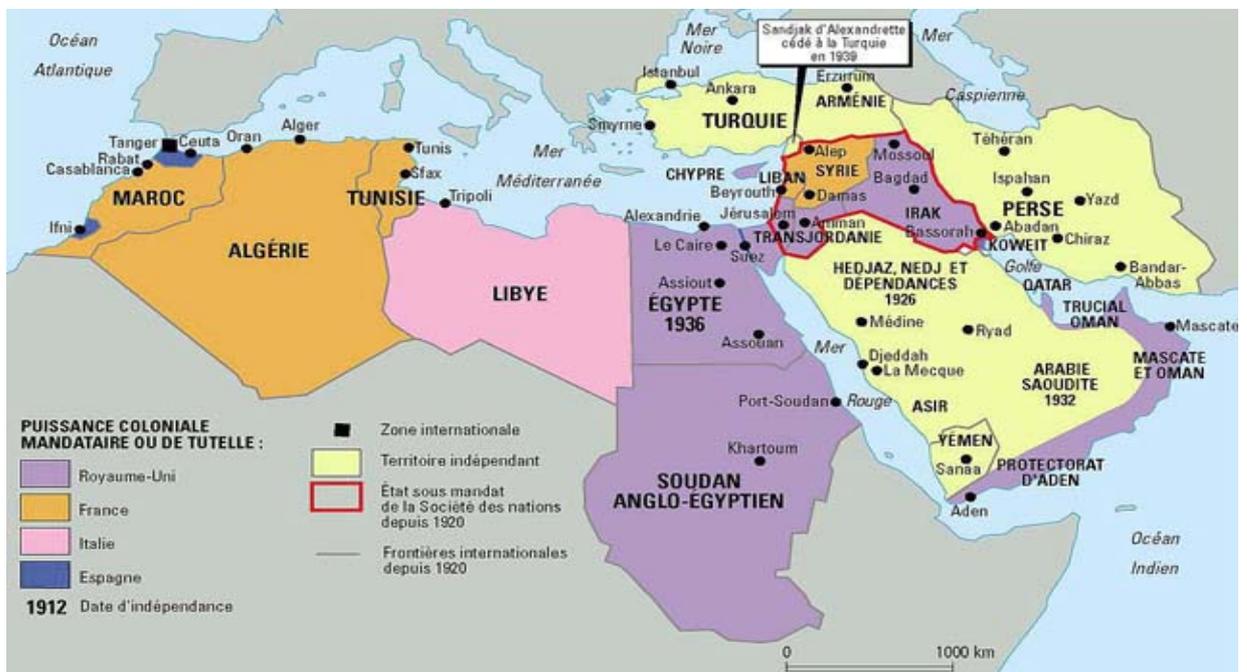


Figura 2

Fonte: www.atlas-diplomatique.net.com

Akcelrud(1997) explica a variedade de nomes e dimensões dessa região através dos tempos, fato que denuncia os diferentes interesses e as relações de força de cada período, como podemos notar na designação de Oriente Próximo que abrangia os territórios europeus balcânicos que faziam parte do Império Otomano, no século XVI, indo até onde se estendiam os interesses expansionistas das potências européias. Posteriormente, a expressão Oriente Médio foi cunhada no início do século XX sob a influência militar e se estendia da Arábia até a Índia. Esse período, coincide com a ascensão do petróleo no planejamento das grandes potências, propiciando a popularização desta expressão, já que, os “grandes jornais, os diplomatas, toda a estrutura de comunicação e informação do colonialismo difundiram rapidamente a nova designação, afinal aceita e usada até mesmo pelos habitantes da região”(op.cit.,p.7).

Mesmo tendo se consolidado no imaginário internacional, a imprecisão geográfica persiste, como podemos observar nas palavras de Pompeu(2006,p.4):

“A primeira coisa a observar sobre o Oriente Médio é que essa designação foi e é aplicada a conjunto diferentes de regiões, gerando dúvidas. Hoje em dia, a mídia e os livros didáticos costumam chamar de Oriente Médio as terras banhadas pelo Mediterrâneo ao sul e a leste, como a Ásia Menor(Turquia), Chipre, Egito, Israel, Palestina, Líbano e Síria, mais Jordânia e a Península Arábica – todo esse conjunto de países era antes conhecido como Oriente Próximo -, aos quais se acrescentam o Irã, o Afeganistão e o Iraque”.

As preocupações de Pompeu, refletem o quanto é polêmico o processo de regionalização que leva os pesquisadores a estabelecerem procedimentos técnicos para recortarem o território, elencando elementos que dão visibilidade ao conjunto daquilo que se pretende explicar. Assim, diferentes formas de representação do mapa do Oriente Médio podem ser produzidas, não existindo uma concepção de “verdade absoluta”. Hourani(2006,p.9), reforça essa preocupação ao afirmar que

“(…)Seria possível argumentar que o tema é demasiado grande ou demasiado pequeno: que a história do Magreb é diferente da do Oriente Médio, ou que as histórias dos países onde o árabe é a língua principal não pode ser vista isoladamente da de outros países muçulmanos. Mas temos de traçar algum limite, e foi aí que decidi traçá-lo em parte devido aos limites do meu próprio conhecimento”.

Esses desafios, acabam levando muitos pesquisadores a adotarem critério que julgam mais convenientes aos seus estudos, não se preocupando em esclarecer a problemática do recorte territorial, partindo do pressuposto que há uma unidade de entendimento do que seja o Oriente Médio. É o que observamos nas referências apontadas por Challita(1990,p.13):

“Quando se pensa no Oriente Médio, é bom lembrar ter sido naquela parte do mundo que a humanidade iniciou sua marcha rumo à civilização. Foi lá que o homem aprendeu a arar, a rezar, a arrepende-se do mal cometido. Foi lá que foi erigido o primeiro templo, lavrado o primeiro campo de trigo, celebrado o primeiro casamento, construído o primeiro lar, promulgado o primeiro código.

Mais tarde, foi lá que se desenvolveram as grandes civilizações que constituem, ainda, a base da nossa civilização. E foi nas montanhas luminosas daquela região abençoada que Moisés recebeu os Dez Mandamentos, que Jesus pregou seu Sermão da Montanha, que Maomé encontrou o anjo Gabriel – fundando, assim, sucessivamente, as três grandes religiões do mundo”.

Este autor, preocupa-se primeiro em delimitar a região e depois descrevê-la, ressaltando que “para conhecer uma região, temos que conhecer, primeiro, seu aspecto físico”(op.cit.,p.15). Essa afirmação nos reporta a alguns materiais didáticos de apoio que partem da concepção fragmentada do ensino de Geografia, isto é, as famosas “gavetas” que abordavam o conhecimento geográfico de forma estática e desconectada. Challita(op.cit.,p.19), ainda referencia o Oriente Médio como uma zona estratégica do petróleo, pois, “basta observar um mapa-mundi para constatar a base dessa importância. Situado entre a África, a Ásia e a Europa, o Oriente Médio tem limites aproximadamente iguais com cada uma delas, e tem os únicos pontos de contato que ligam esses três continentes”. Tais informações não são esclarecedoras quanto à complexidade das relações ali estabelecidas, mas procuram enfatizá-las como o substrato material da sobrevivência humana, diluindo seu papel simbólico na apropriação/valorização espacial.

Demant(2004p. 14) também chama a atenção para grande confusão terminológica que cerca essa temática regional, tornando impreciso o entendimento das realidades locais.

“Na verdade, se a palavra árabe refere-se a um povo específico, Oriente Médio diz respeito a uma região geográfica em particular e islã, a uma religião. (...) Ainda hoje há forte sobreposição dessas definições: afinal, raciocina-se, os árabes moram no Oriente Médio e são majoritariamente muçulmanos. Entretanto, existem no Oriente Médio importantes nações muçulmanas de povos não-árabes como os turcos e curdos, e mesmos nações não predominantemente muçulmanas, como Israel, cuja população é majoritariamente judaica.

A expansão dessa população criou a esfera cultural do Oriente Médio, que adotou amplamente o idioma arábico e, em sua maioria abraçou o islã. A essa altura, o mundo muçulmano e o chamado Oriente Médio é que eram coincidentes”.

Desta forma, é difícil pensar o contexto do Oriente Médio e suas representações espaciais a partir de uma “síntese cultural” que vê no islã a explicação de tudo, como se o mesmo pudesse ser estudado separado da economia, da sociologia e da política dos povos islâmicos, como afirmou Said(1990).

ORIENTE COMO INVENÇÃO DO OCIDENTE

A expressão Oriente, que se internalizou nos povos locais e no meio midiático em geral, traz uma construção eurocêntrica, fruto do momento em que a Europa se “descobre” como Ocidente e passa a determinar os lugares das demais sociedades no cenário internacional. Segundo Souza Santos(1994), a partir do Renascimento, a Europa se coloca como centro da história universal, relegando as outras sociedades ao passado, no caso da Ásia, ou submetendo-as a natureza, no caso da África e América Latina, como se as mesmas não tivessem histórias ou fossem incapazes de acompanharem as mudanças do seu tempo, perdendo portanto, as oportunidades da modernização. Neste contexto, ao se reconhecer como Ocidente, a Europa designa o não-ocidente, isto é, o Oriente, cuja representação espacial se estenderia pelos territórios das diversas civilizações milenares. Assim, o Ocidente se vê como exultante, dinâmico, moderno e classifica o Oriente de estático, aberrante, exótico, incapaz de se auto-representar.

Said(1990,p.56), reforça esses valores que os ocidentais utilizam para distinguir suas sociedades das que eles denominam orientais, forjando nítidas divisões

“Quando se usam categorias como oriental e ocidental como pontos de partida e finais da análise, das pesquisas ou políticas públicas, o resultado costuma ser a polarização da distinção – o oriental fica mais oriental e o ocidental, mais ocidental – e a limitação do encontro humano entre culturas, tradições e sociedades diferentes”.

Portanto, caberiam aos impérios poderosos reabilitarem essas sociedades do atraso e da desgraça do próprio declínio em que se encontravam e como numa “missão civilizadora”, caberia a Europa transformá-las em colônias produtivas. “Há ocidentais e há orientais. Os primeiros dominam; os segundos, devem ser dominados, o que costuma querer dizer que suas terras devem ser ocupadas, seus assuntos internos rigidamente controlados” (Said, 1990p.46).

De acordo com Souza Santos (1994), a relação da “descoberta” estabelece o “descobridor” como aquele que tem mais poder e saber do que o “descoberto”, portanto, quando a Europa definiu o seu papel ao se identificar com o primeiro, legitimou o seu lugar como “centro” e dos demais como “periferia”, instituindo binômios como superioridade-inferioridade, moderno-tradicional, civilizado-primitivo, entre outros.

Said (1990,p.50) ressaltou que o orientalismo é esse conhecimento sistemático das representações que os intelectuais europeus faziam das sociedades ditas orientais, era reforçado pelo “encontro colonial, pelo interesse disseminado a respeito do estranho e do incomum, explorado pelas ciências em desenvolvimento da etnologia, anatomia comparada, filologia e história”, como também pela literatura”, consolidando no imaginário europeu o Oriente como um campo que tem uma considerável ambição geográfica e que é delimitado pela sala de aula, pelo tribunal, a prisão e o manual ilustrado.

A categoria Oriente era apresentada de forma homogênea, não importava se estavam falando do Egito, China ou Índia, bastava apenas o que os europeus sabiam destas sociedades, ou seja, já existiam idéias pré-concebidas, restavam apenas confirmá-las empiricamente. É o que o colonialismo vai procurar fazer. “O Egito e outras terras islâmicas foram considerados como a província viva, o laboratório, o teatro do efetivo conhecimento ocidental sobre o Oriente”(Said,1990,p.53).

Concretizado a idéia, o conceito ou imagem das sociedades ditas orientais, estabeleceu-se um campo de estudo que internalizou-se através do tempo e têm produzido uma espécie de consenso: certas idéias, determinados discursos, a concepção de que existem desequilíbrios entre o Leste e o Oeste, fatos que ganharam outras conotações a partir da metade do último século, seja no âmbito econômico, cuja imagem regional baseou-se na produção de petróleo, seja no cultural, que ganhou notoriedade no mundo como fundamentalistas, seja no político, que levaram os Estados Unidos à práticas intervencionistas e a elaboração de mapas que sugestionavam a reconstrução espacial da região.

REDESENHANDO O MAPA DO ORIENTE MÉDIO

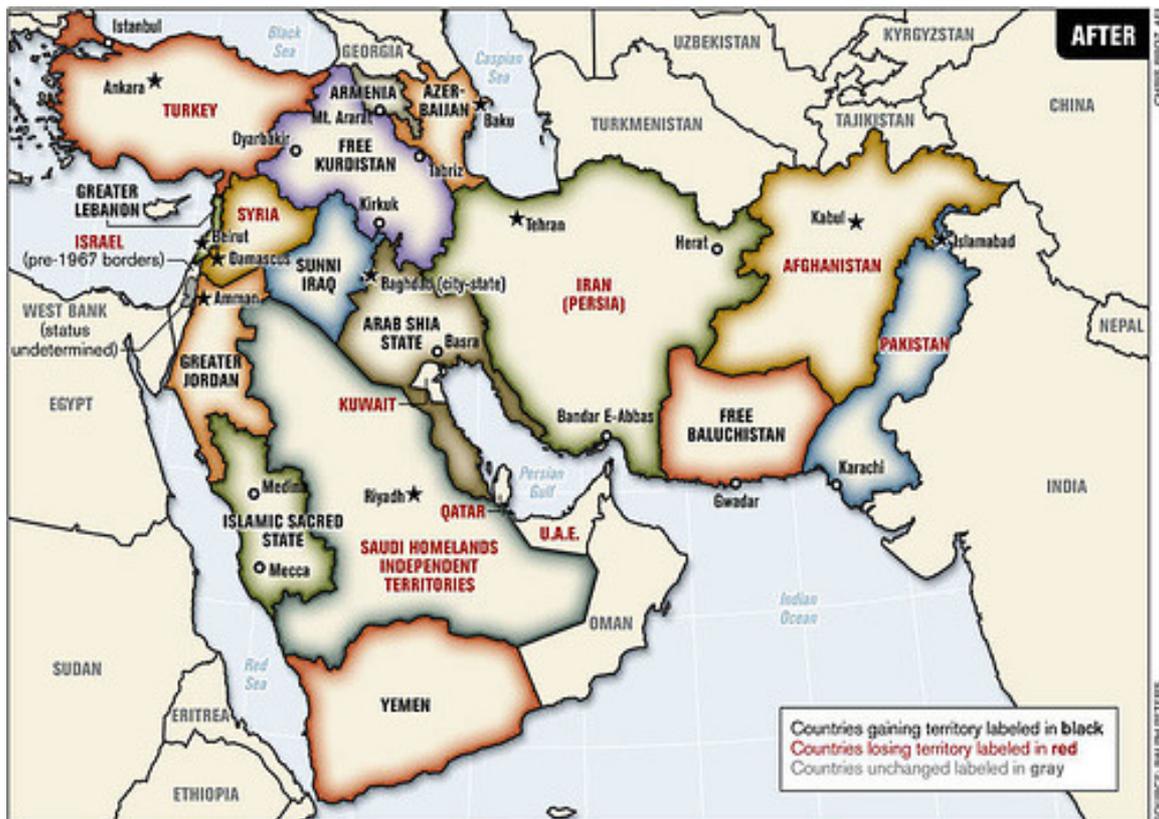
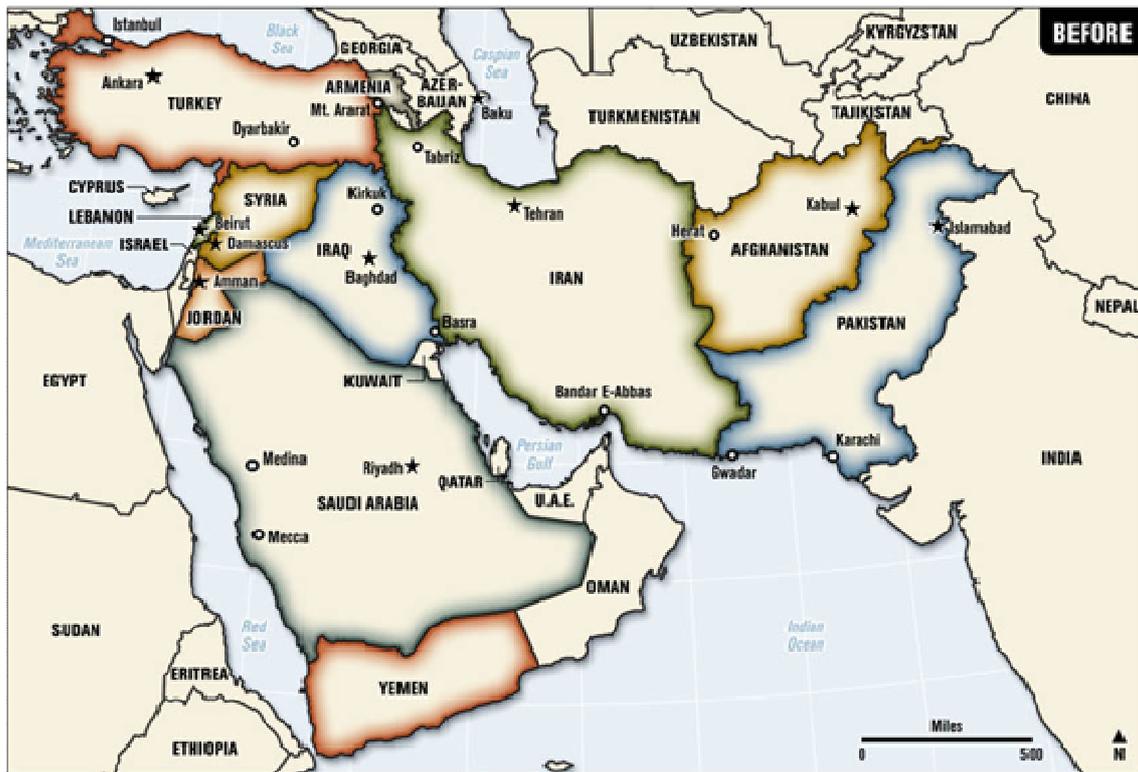


Figura 4

Fonte: Teniente coronel (retirado) Ralph Peters; ``Blood borders: How a better Middle East would look``, *Armed Forces Journal (AFJ)*, junio de 2006 <http://www.armedforcesjournal.com/2006/06/1833899>

Tais representações acabaram tendo na Geografia uma de suas formas de difusão, como afirma Said(2007,p.292):

“A geografia era essencialmente o material que sustentava o conhecimento sobre o Oriente. Todas as características latentes e imutáveis do Oriente repousavam sobre a sua geografia, estavam nela enraizadas. Assim, por um lado, o Oriente geográfico nutria seus habitantes, garantia suas características e definia a especificidade desses traços: por outro lado, o Oriente geográfico solicitava a atenção do Ocidente, mesmo quando – por um desses paradoxos revelados tão freqüentemente pelo conhecimento organizado – o Leste era Leste e o Oeste era Oeste. O cosmopolitismo da geografia constituía, na mente de Curzon, a sua importância universal para todo o Ocidente, cuja relação com o resto do mundo era de franca cobiça. Mas o apetite geográfico podia também assumir a neutralidade moral de um impulso epistemológico para descobrir, assentar, revelar (...)”.

Portanto, quando usamos os recortes espaciais para exemplificar questões, objetos, qualidades e regiões consideradas orientais, podemos estar reafirmando o senso comum, tornando uma percepção regional como sendo simplesmente a realidade.

Said(1990,p.118), afirma que devemos ter esse cuidado quando inadvertidamente trabalhamos com a categoria Oriente, pois, se não percebermos as “armadilhas” que ela nos põe, caímos na tentação de concebê-la numa representação elástica e imutável.

“As limitações do orientalismo são aquelas decorrentes de se desconsiderar, essencializar e desnudar a humanidade de outra cultura, outro povo ou região geográfica. Mas o orientalismo foi além disso: considera o Oriente como algo cuja existência não apenas está à vista, mas permaneceu fixa no tempo e no espaço para o Ocidente. O sucesso descritivo e textual do orientalismo foi tão impressionante que períodos inteiros da história cultural, política e social do Oriente são considerados como meras respostas ao Ocidente. Este é o agente e o Oriente é o reagente passivo. O Ocidente é espectador, juiz e júri de cada faceta do comportamento oriental”.

Assim, em uma primeira aproximação com o material didático, constatamos que o item Oriente Médio é abordado a partir da lógica do conflito, seja ele bélico ou étnico-religioso. É exatamente essa abordagem que queremos analisar e problematizar. Ao apresentar o Oriente Médio como a região do mundo que possui o maior número de ingredientes para gerar um grande foco de tensões geopolíticas no mundo contemporâneo, não há uma preocupação com a sua delimitação, pois a atenção está voltada para os conflitos que têm na relação entre “Árabes e Israelenses” a principal fundamentação da realidade regional. Desta forma, consideramos que esta análise é insuficiente para fundamentar a idéia de totalidade das relações estabelecidas nessa parte do mundo.

Portanto, o objetivo do presente projeto de pesquisa é analisar as idéias, visões e representações espaciais sobre o Oriente Médio presentes nos materiais didáticos de Geografia, contribuindo para a reflexão

de um tema importante no contexto internacional e suas implicações ideológicas na formação do aluno, como também desenvolver materiais para as aulas de Geografia Regional.

REFLEXÕES FINAIS

Vimos que nas condições atuais da economia-mundo, a coerência interna que a região nos moldes clássicos representava não consegue dar conta das diversidades e complexidades da realidade internacional, o que fez muitos autores neoliberais advogarem o fim da região frente aos processos da globalização. Mas, segundo Santos(1996), esses processos são também fragmentação, diferenciação, por isso é que a região retoma a sua importância como nível decisivo de análise e, torna-se o suporte e a condição para a realização das relações globais.

A temática que envolve o Oriente Médio desperta uma variedade de interesses em nossa sociedade, tornando o ensino de Geografia Regional cada vez mais instigante e dinâmico, mas, muitas vezes, nos deparamos com um número expressivo de informações produzidas pela mídia ou pelo material didático de apoio. O que fazer? O que ensinar? Como ensinar? Pra que ensinar? . São inúmeras perguntas que nos fazemos ao refletir sobre a melhor maneira possível de discutir não só as relações sociais que são estabelecidas no contexto regional, mas também como representá-las espacialmente, subverter as imagens cartográficas já consolidadas, como se já nascessem prontas, definidas, acabadas, a-históricas. Estão ali, num mapa em um canto qualquer ou em algumas páginas do Atlas Geográfico. Pronto. Não precisamos refletir, (des)construir o que nos é imposto. Esse é o nosso desafio como professores de Geografia, repensar os currículos escolares e os métodos e conteúdos abordados em sala de aula.

Portanto, faz-se necessário reabilitar o papel dos professores e alunos como construtores do processo de produção de conhecimento, reativando estratégias de ensino-aprendizagem para um melhor entendimento do mundo que vivemos. Desta forma, esse projeto de pesquisa procura contribuir para essa árdua tarefa. Sabemos que o desafio é enorme, mas, o importante é trazermos para o primeiro plano do ensino de Geografia as diferentes possibilidades que temos em nossas mãos para tornarmos nossas aulas cada vez mais vibrantes e, por que não começarmos pelos debates sobre a transformação do mapa do Oriente Médio?

BIBLIOGRAFIA

ALKCERULD, Isaac. Um mito a menos: um mapa imperial do início do século, São Paulo : Contraponto, 1997.

CHALLITA, M. Este misterioso Oriente Médio, São Paulo : Revan, 1989.

DEMANT, Peter. O Mundo Muçulmano, São Paulo : Contexto, 2004.

GEIGER, Pedro Pinchas. O povo judeu e o espaço. In: Revista Território, ano III, n.5, jul/dez, 1998.

HAESBAERT, Rogério. Região, Diversidade Territorial e Globalização. In: Geographia, Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFF. Niterói. Ano 1 – N. 1 , 1999.

HALLIDAY, Fred. Islam and the myth of confrontation – religion and in the Middle East, New York : I. B. Tauris, 1999.

HOURANI, Albert. Uma história dos povos árabes, São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

LENCIONI, Sandra. Região e Geografia, São Paulo : EDUSP, 1999.

POMPEU, Renato. As lições sobre a história do Oriente Médio In: Revista Caros Amigos – Especial sobre o Oriente Médio, 2006.

SAID, Edward W. Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente, São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Milton. A Natureza do espaço: Técnica e tempo – Razão e emoção, São Paulo : Hucitec, 1996.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. O fim das descobertas imperiais, São Paulo – Jornal da AGB, 1994.